

BALANÇO LITERÁRIO DO ANO DE 1968

Os ficcionistas portugueses desenvolveram em 1968 uma actividade intensa, que sobrelevou, ao invés do que ultimamente vinha acontecendo, a produção ensaística. O romance-sensação do ano terá sido *O Delírio*, de José Cardoso Pires. Precedido por uma campanha publicitária inteligentemente conduzida, este livro não teve aí a principal raiz do seu enorme sucesso (como em devido tempo se insinuou), mas na singularidade da sua estrutura temporal, na rigorosa geometria estética e na lúcida análise interpretativa de um binómio tempo-espaco que é constante omnipresente da nossa vida quotidiana. Dois romances extremamente importantes na moderna ficção portuguesa: *Os Despojos dos Insensatos*, de Mário Ventura e *Bolor*, de Augusto Abelaira. Urbano Tavares Rodrigues publicou dois novos livros em 1968: *Casa de Correção*, que inclui as obras-primas do conto *Carnaval Negro* e *Tio Deus*, e ainda *Tempo de Cinzas*, colectânea de textos inacabados ou que se encontravam dispersos, e que agora, em volume, ganharam a desejável unidade. Manuel da Fonseca regressou ao convívio do público com *Um Anjo no Trapézio* (contos). Fê-lo na melhor altura, quando já se desesperava de ver o autor de *Sedra de Vento* retomar o curso da sua talentosa carreira novelística. Um dos livros que maior controvérsia gerou foi sem dúvida, *O Ser e o Ter seguido de Anquilose*, de José Marmelo e Silva. A estratégia da glória que a propósito deste livro de Marmelo e Silva se invocou teve no ano findo um novo intérprete. No prefácio da 7.ª edição de *A Casa da Malta*, traça Fernando Namora as linhas gerais do seu itinerário de romancista. Itinerário ético, sobretudo. Mas é em *Um Sino na Montanha*, pelo sazonalmente perfeito da técnica, que Fernando Namora verdadeiramente atesta a maturidade de grande escritor. *O Instinto Supremo*, de Ferreira de Castro, publicado imediatamente a seguir às importantes manifestações nacionais que celebraram o 50.º ano de vida literária do autor de *A Selva*, encontrou justificada repercussão entre os seus fiéis leitores, particularmente no Brasil. Porém, a crítica não foi nânime nos julgamentos a que submeteu *O Instinto Supremo*.

Uma novela de estreia aqui e ali entupida por um grão surreal, mas de tocante originalidade: *Natureza Morta Iluminada*, de José Viale Moutinho. Com a reedição de *Pão Incerto*, viu Assis Esperança reconhecido de novo um esforço de prosador voltado para as gentes da sua terra. Escritor do Algarve, apaixonado cronista da sua luminosa e ardente província meridional, narra o autor desta obra a odisseia dos serrenhos de Algezur, num estilo de pendor naturalista, provavelmente um pouco denso de mais para o gosto literário das modernas gerações, mas que, bem entendido,



Cardoso Pires

traduz um enraizamento profundo nesse dramático quotidiano que o escritor estudou com ternura, objectividade e concreto conhecimento do real. *Raízes na Areia*, do jovem Idalécio Cação, marca o encontro do artista com os sons, as origens, os homens que o cercam e faz da sua paisagem natal (incluindo, obviamente, a humana) o fulcro deste seu livro. *Bisbilhotices*, de Vera Lagoa, mereceria figurar numa antologia de livros não-publicáveis. Foi a mais risível aventura literária do ano.

nosso emigrante no contexto social francês. Conquanto a autora não tenha podido libertar ainda a sua linguagem literária de uma teia de lugares-comuns que reduz consideravelmente o poder de sugestão da «história», *A Francesa* estará, talvez, situado entre aquilo que Nita Climaco fez no passado e aquilo que poderá vir a fazer no futuro, se quiser ou for capaz de submeter a um intenso esforço de reexaminação e autocritica, os seus processos narrativos. Sagrou-se como um verdadeiro



Ferreira de Castro, que em 1968 completou 50 anos de actividade literária, lançou a sua última obra, «O Instinto Supremo», que foi um dos maiores êxitos nacionais de livraria nos últimos tempos

achado literário a autobiografia romancada *Apresentação do Rosto*, de Herberto Helder. Alves Redol viu reeditadas duas das suas obras mais divulgadas: *Avieiros* e *o Cavalinho Espantado*. Dario de Bastos escreveu os contos reunidos em *A Rua*. Reencontro sempre agradável é aquele que se estabelece com Mestre Aquilino Ribeiro: reeditado em 1968 *O Homem da Nave*. Outras obras que justificaram nova reedição: *Contos Bárbaros*, de João Araújo Correia e *Antes do Dilúvio*, de Mário Braga.

Quando à modalidade *Ensaio*, Alberto Ferreira voltou a examinar os textos da chamada *Questão Coimbrã* num segundo volume em tudo digno do primeiro. Surgiram dois importantíssimos tomos dos *Ensaíes*, de Vitorino Magalhães Godinho — obra que pelas incidências no tempo português contemporâneo se destina a ressoar fortemente junto dos estudiosos da problemática social. Idêntica perspectiva foi a que condicionou o trabalho de Flausino Torres *História Contemporânea do Povo Português*. Duas recolhas de inquéritos assumiram especial relevo: *A Condição da Mulher Portuguesa* e *A Situação da Arte*. João Gaspar Simões, velho leão das Letras, continua a produzir empenhados esforços no sentido de dar corpo a essa obra monumental que se chama *História do Romance Português*. Textos filológicos de Fernando Pessoa foram estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Pela sua utilidade, pelo carácter intervencionista no momento que passa, pela noção de probidade intelectual e cívica que revela, o livro de Santos Simões *Engrenagens do Ensino* justifica a intensa procura que rapidamente o transformou num autêntico best-seller. Assunto velho? Há uma estética

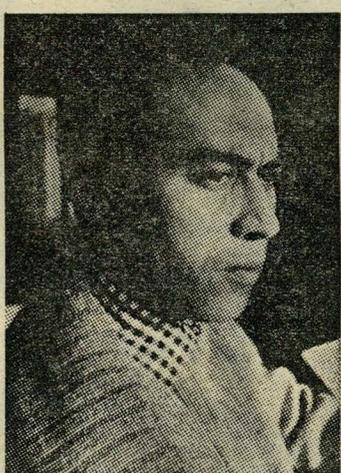
neo-realista? diz-nos que não existem em tal domínio questões ultrapassadas, tanto assim que neste esplêndido ensaio aborda Mário Sacramento de prismas absolutamente inéditos problemas que só modismos enigmáticos ousam minimizar. Armando de Castro, figura insigne de historiador e de economista, publicou *Estudos de Economia Teórica e Aplicada* e anunciou o vol. VIII de *A Evolução Económica de Portugal dos séculos XII a XV. O Império Português no Oriente*, integrado nas obras completas de Jaime Cortesão, manteve o diálogo que vem sendo estabe-

lecido entre o escritor e as gerações que não fruíram as vantagens do seu convívio. Ruben A. Leitão traz em curso uma investigação interessantíssima: *Cartas de D. Pedro V ao Imperador do Brasil*.

por
Júlio Conrado

A introdução de Vergílio Ferreira ao livro de Foucault *As Palavras e as Coisas* deu lugar ao renascimento do famoso cacetismo lusitano, que tantos rios de tinta tem feito correr. Travados de razões (literárias, entenda-se) Eduardo Prado Coelho e Vergílio Ferreira restituíram à expressão polémica à portuguesa o seu verdadeiro significado. Também Camilo voltou a suscitar escaldante polémica. Foram seus intérpretes, desta vez, José Régio, Augusto Costa Dias e Alberto Ferreira. Numa relevante tentativa para dimensionar a arte cénica entre nós, Luís Francisco Rebelo elaborou uma *História do Teatro Português*. *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista* foi a mais discutida obra de Eduardo Lourenço, publicada até ao momento. Na *Correspondência Epistolar*, entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco, figura um estudo preliminar da autoria de Alexandre Cabral. Jacinto Prado Coelho é responsável por duas peças notáveis da ensaística nacional: *Verso e*

altos e baixos. Pontos culminantes da poesia publicada durante o ano: *Sobre o Lado Esquerdo e Micro-Paisagem*, de Carlos de Oliveira; *Cântico Suspenso*, de José Régio; *Ilha do Desterro*, de Alexandre Pinheiro Torres; e *Tempo Comum*, de Miguel Trigueiros. De salientar, a republicação de *Poesia II*, de José Gomes Ferreira. Um novo original de António Barahona da Fonseca: *Impressões Digitais*. Um grupo de poetas, jovens ou não, todos, porém, ainda em busca de uma estabilidade formal mais próxima de um mínimo de perfeição exigível, transmitiu-nos aquilo que, por agora, tinha para dizer. São eles: Felícia Caldeira (*Qual é o Preço da Esperança*), J. Santos Stocler (*Diálogo com a Noite*), Elizabeth Magalhães (*Poesias em Acaso*), Abílio José dos Santos (*Lidança*), Angela Roma (*Memória Sempre*), Lídia Honorato (*Político do Amor*) e Alice de Azevedo (*Mar, Espelho da Vida*), entre outros.



José Régio

Um aplauso de incitamento muito entusiástico para um jovem grupo de poetas, todos, porém, ainda em busca de uma estabilidade formal mais próxima de um mínimo de perfeição exigível, transmitiu-nos aquilo que, por agora, tinha para dizer. São eles: Felícia Caldeira (*Qual é o Preço da Esperança*), J. Santos Stocler (*Diálogo com a Noite*), Elizabeth Magalhães (*Poesias em Acaso*), Abílio José dos Santos (*Lidança*), Angela Roma (*Memória Sempre*), Lídia Honorato (*Político do Amor*) e Alice de Azevedo (*Mar, Espelho da Vida*), entre outros.

Um aplauso de incitamento muito entusiástico para um jovem grupo de poetas, todos, porém, ainda em busca de uma estabilidade formal mais próxima de um mínimo de perfeição exigível, transmitiu-nos aquilo que, por agora, tinha para dizer. São eles: Felícia Caldeira (*Qual é o Preço da Esperança*), J. Santos Stocler (*Diálogo com a Noite*), Elizabeth Magalhães (*Poesias em Acaso*), Abílio José dos Santos (*Lidança*), Angela Roma (*Memória Sempre*), Lídia Honorato (*Político do Amor*) e Alice de Azevedo (*Mar, Espelho da Vida*), entre outros.

vem que vem afirmando notáveis recursos de poeta e de crítico de poesia: Luis de Miranda Rocha (*O Corpo e o Muro*). Ficou devidamente registado na imprensa cultural portuguesa o 10.º aniversário da morte do grande poeta Afonso Duarte, *A Antologia Poética de Três-os-Montes e Alto Douro* aglutina poemas de autores daquela região.

Volto a não abundar a literatura teatral. Stau Monteiro lançou, ao começar o ano, *As Mãos de Abraão Zacut*, e Vicente Sanches *A Situação Definitiva*. Reapareceu Fernando Luso Soares: *A Outra Morte de Inês*, com prefácio de João Palma-Ferreira. De Tomás de Calheiros foi editada *As Minhas Mãos Vazias*. E pouco mais.

Para Alves Redol (texto) e Leonor Praça a honra de terem criado uma nova personagem: «Flora». Dois livros assinalaram as andanças avulsas desta heroína infatigável: *A Flor Vai Ver o Mar* e *A Flor Vai Pescar num Bote*. Coube a Maria Alberta Menêres realizar neste campo uma experiência decisiva: *Conversa com Versos*. Júlio Moreira estreou-se a ficção infantil com *Afinal o Castelo Era Verdade*.

Finalizamos estas notas, que não pretendem constituir uma recolha exaustiva de todos os livros publicados durante o ano que findou, sublinhando o aparcimento, em volume, de um conjunto de crónicas a que foi dado o título de *Um Homem na Cidade*, crónicas assinadas por alguns dos mais consagrados jornalistas do «Diário de Lisboa».

Finalizamos estas notas, que não pretendem constituir uma recolha exaustiva de todos os livros publicados durante o ano que findou, sublinhando o aparcimento, em volume, de um conjunto de crónicas a que foi dado o título de *Um Homem na Cidade*, crónicas assinadas por alguns dos mais consagrados jornalistas do «Diário de Lisboa».

Finalizamos estas notas, que não pretendem constituir uma recolha exaustiva de todos os livros publicados durante o ano que findou, sublinhando o aparcimento, em volume, de um conjunto de crónicas a que foi dado o título de *Um Homem na Cidade*, crónicas assinadas por alguns dos mais consagrados jornalistas do «Diário de Lisboa».

Dois espectáculos de muito alto nível e harmonia (referimo-nos obviamente a «Tango» e a «O Tempo e a Ira»), e mais alguns dignos do melhor apelo, quer no plano da estética dramática quer no de uma saudável renovação de textos e processos (pensamos agora, em especial, na representação de «O Porteiro»), não bastam para salvar uma época de teatro escasso, morno, espaçado ou morto, em que os originais portugueses primaram pela forçada ausência.

Começemos pelo grande e justo êxito de Jacinto Ramos, que foi o obreiro incansável e admirável figura central da Amigável e fascinante peça de Harold Pinter «O Porteiro», na qual Augusto de Figueiredo lhe deu réplica condigna, reencontrando assim a sua própria dimensão, da qual parecia andar esquecido. Listopad, apoiado por esse extraordinário cenógrafo que é o pintor João Vieira, encenou com inteligência sensível e mão segura esta obra sinistramente bela e inovadora do autor de «A Coleção». A empresa do Tivoli não se arrependeu de ter de haver cedido o seu palco

humor a figura de um mangade-alpaca em conflito com uma ordem burocrática, cujo sentido se lhe nega e disposto a faltar ao emprego e a recriar o paraíso da infância até lhe sobejar



Artur Ramos

uma cõdea de pão) foi em «A Preguiça», de Ricardo Talesmik, uma das várias e sempre correctas encenações que se ficaram devendo a Maria Helena Matos.

No plano da comédia mais ambiciosa, a Companhia do Teatro Nacional montou a obra menor de Alejandro Casona «As Três Perfeitas Casadas», já puida pelos anos transcorridos, mas que nos revelou a desenvoltura elegante de Adriano Reys e permitiu uma excelente interpretação de Mariana Rey Monteiro, bem apoiada por um equilibrado conjunto, em que brilharam Varela Silva, Baptista Fernandes e Glória de Matos. Porém, a grande realização da Companhia de Amélia Rey Colaço foi, já no Outono, essa esplêndida criação colectiva da peça múltipla de significações e eminentemente teatral de Vladimir Mrozek «Tango», que ofereceu a Varela Silva ocasião de afirmar melhor do que nunca as suas virtudes de encenador subtil, eficaz e sempre respeitador dos valores do texto, e deu aso a interpretações de tal coesão e superior qualidade que difícil se tornaria destacar Rogério Paulo, Mariana Rey Monteiro, Amélia Rey Colaço ou João Perry.

«O Tempo e a Ira», trave mestra do teatro de Osborne, luta feroz no interior de um

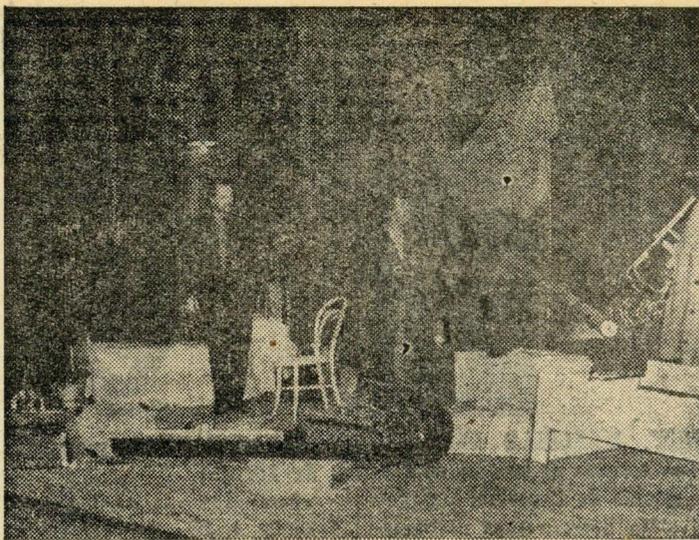
Só a Companhia de Teatro Popular, actuando na Estufa Fria, teve, entre outros cometimentos de menor vulto, como «As Belezas de Sintra», de Mário Marques, e «O Desaparecido», de Olga Alves Guerra, o mérito e a honra de trazer até ao público «Jacob e o Anjo», de José Régio. E, ainda que nem toda a beleza e profundidade do texto, a sua problemática apaixonante e a sua ardente poesia barroca hajam sido transmitidas da melhor maneira, valeu a pena Augusto de Figueiredo e Orlando Vitorino (o encenador) terem metido ombros a tão árdua empresa como a de dar vida a este drama da destruição da carne. Madalena Sotto, Carlos Duarte, Alves da Costa e Assis Pacheco formaram, com Augusto de Figueiredo, o naipe dos artistas principais.

«É Urgente o Amor», de Luís Francisco Rebelo, ressurgiu também na Estufa Fria, em espectáculo relativamente afinado (com



Jacinto Ramos

Ivone de Moura em evidência), dez anos após a sua estreia pelo Teatro Experimental do Porto.



Um espectáculo de invulgar nível apresentado em 1968: «O Porteiro»

criações. A invulgar dignidade do Teatro Estúdio de Lisboa veio sobretudo ao de cima com «A Louca de Chailot», de Giraudoux, espectáculo a muitos títulos belo, poético, coruscante, não obstante uma ou outra debilidade do elenco. Reflexos idílicos e ironias cruéis: uma crítica ao dinheiro, rei do mundo, à batota que por vezes se fez, e se faz, com o progresso. Linda composição de Helena Félix. Presença aplicada, e com momentos conseguidos de toda a companhia. Uma revelação: Maria Helena Reis, como cenógrafa de talento.

Tiveram importância, como esforços válidos no sentido da divulgação de textos e no da formação de sólidos núcleos amadores e de um público de teatro descentralizado, o III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, dedicado este ano a Ionesco, e o Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio.

Um grupo amador de Portimão abalçou-se — e com êxito local — a levar à cena pela primeira vez a peça de Teixeira

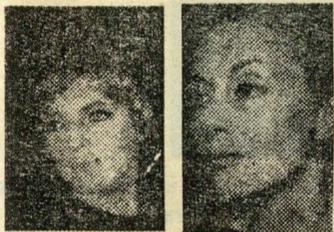
um Fernand Gravey ainda em forma. «Fleur de Cactus» permitiu aos devotos da comparação medirem os talentos de Sophie Desmarets e de Laura Alves, de Philippe Lemaire e de Paulo Renato. Foi também no S. Luís



Glicinia Quartim e Varela Silva

que a Companhia de Jean Devy, especializado em obras clássicas para públicos universitários, representou, com inexcusável respeito pelo texto, essa alegre exaltação da juventude e do amor que é «Le Barbier de Seville», de Beaumarchais.

No domínio da revista, Florbe-



Lourdes Norberto e Mariana Rey Monteiro

para estas tardes de exaspero e súplica, de leitura do homem e da vida.

Outro dos momentos de teatro a sério em 1968 foi a representação, na Casa da Comédia, da obra-prima de Samuel Beckett «Dias Felizes» (a desdignificação dos velhos paralela à agonia dos campos de concentração), com notável encenação de Artur Ramos, ciente da necessi-

ALGUNS ESPECTÁCULOS DE QUALIDADE NA TEMPORADA TEATRAL DE 1968

por Urbano Tavares Rodrigues

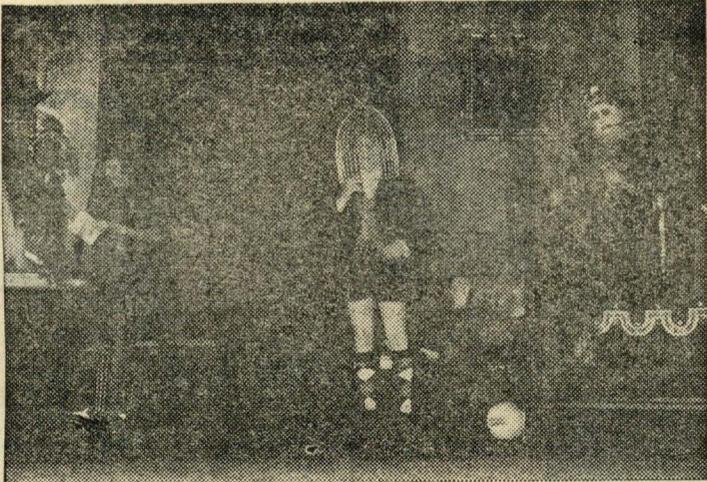
dade de colaboração do público no espectáculo, e uma composição fora de série de Glicinia Quartim, longe de toda a facilidade sentimentalóide.

Não nos permitiram circunstâncias mais fortes do que a nossa vontade que durante perto de dois meses acompanhássemos a vida teatral. Daí o termos perdido os espectáculos do ano pirandelliano, que todavia citamos e dos quais alguns foram aplaudidos pela crítica: «A Volúpia da Honra», no Capitólio; «Não se Sabe Como», no Trindade; «A Procura da Verdade», na Casa da Comédia. Também durante esse primeiro trimestre de 1968 o Teatro Experimental de Cascais, dirigido por Carlos Avilez, estreou «O Comissário de Polícia», modernizando Gervásio Lobato com louca alegria e ritmo, e a Companhia do Teatro Nacional levou ainda à cena «A Locomotiva». No Villaret apareceu «Um Anjo de Chapéu de Palha», de Henrique Santana, original ao que parece menos oco e pretensioso do que esse «Amor 68» que tivemos a desdita de ver e que foi um verdadeiro festival do lugar-comum borrifado com anedotas velhas e reilhas.

«Agarra que é Milionário», mais uma produção da assaz mediocre parilha Barillet e Gredy, cheia de piadas toscas e de chistes à flor da inventiva, sempre fez rir o público e deu oportunidade a Florbela, Henrique Santana e Semedo de exibirem os seus dotes cómicos.

Solnado surgiu, triunfal como sempre no disparate cómico de Gila «Oh, que Delícia de Coisa!», encenado com diabólico movimento e originalidade de processos por Carlos Avilez. Mas onde Raul Solnado se superou (interpretando com irresistível

casamento desigual e, por extensão, combate das castas que ainda se digladiam na sociedade britânica, ofereceu a Artur Ramos (na magnífica tradução de José Palla e Carmo, excepção-



Um momento da peça «Tango», levada à cena pela companhia do Teatro Nacional

nalmente difícil, devido à cor e ferocidade da linguagem) o ensejo de sagrar-se encenador entre os primeiros da nossa terra, um dos raros que perseguem as vias trilhadas pelas grandes da Europa. Para lá chegar teve, porém, o concurso precioso de actores tão finos e versáteis, no seu domínio de um estilo, como José de Castro, que se excedeu em força de comunicação, Lourdes Norberto, Canto e Castro e até a mais jovem, mas não menos vibrante e subtil, Maria do Céu Guerra (não vimos a criação de Ana Paula).

«A Torre e o Galinheiro» não nos deixou de Francisco Ribeiro, nem como encenador nem como comediante, imagens à altura da sua reputação solidamente firmada. Aliás, o pior do

espectáculo era a própria peça, engenhosa mas envelhecida e nalguns passos quase escandalosamente parvinha, apesar do prémio que lhe colaram em San Remo. Boa recordação, apesar de tudo, ficou-nos do desempenho muito sensível e trabalhado da mal aproveitada Isabel de Castro.

Luzia Maria Martins dirigiu, no Vasco Santana, uma peça com mais interesse pelas ideias que debate do que pelas suas condições estético-dramáticas: «Noite de Verão», em que Joaquim Rosa, Helena Félix e Graça Lobo tiveram apreciáveis

Gomes «Sabina Freire», com uma das filhas do falecido Presidente da República e grande escritor, D. Ana Rosa Teixeira Gomes Calapez, no papel de D. Maria Freire.

O teatro de estudantes cumpriu a sua missão em dois espectáculos autênticos e arejados, de diversa índole, mas ambos com garra, sem embargo de naturais carências: o «Exercício Colectivo de Teatro» orientado por Mário Sérgio no Instituto Superior Técnico; e «O Avejão», de Raul Brandão, pelo Grupo de Teatro da Faculdade de Letras, encenado por Carmen González. O IV Encontro Europeu de Universitários trouxe-nos «A Cólera de Filipe Hotz», de Max Frish, numa diligente representação do grupo teatral do Colégio Universitário Jaime del Anco de Madrid, e «Piquenique», de Miguel Barbosa, pelo conjunto cénico do Colégio Pio XII.

Das embaixadas teatrais que do estrangeiro nos vieram, destacaremos, pela novidade, o Piraikon Theatron (dirigido por Dimitrios Rondiris), uma interessante experiência de espectáculo para o povo que, sem ambições de ressurreição arqueológica e até sem cunhos artísticos pronunciados, tenta aproximar do público as tragédias de Eurípedes, no caso presente «Hipólito» e «Ífigénia em Aulida», mediante a intromissão de elementos folclóricos nos hinos e o tratamento plástico do coro.

O Festival de Teatro Francês, no S. Luís, valeu sobretudo pelo Huis Clos (com Daniel Gélin) e pela Respectueuse, de Jean-Paul Sartre. Une fois par semaine («A Rapariga do Apartamento») teve graça e intenção crítica, além de mostrar à plateia do S. Luís

la, em «Lisboa É sempre Mulher», e José Viana, em «Grande Poeta É o Zé», foram os triunfadores absolutos, Mário Alberto e Pinto de Campos sempre na dianteira da cenografia, onde se fez notar ainda, com uma cortina de forte sugestão, o pin-



José de Castro

tor Francisco Relógio. Outros ases que deram brado: Salvador, Nicolau Breyner, Maria Adelina, Octávio de Matos, que depressa fez carreira, Dora Leal, e Vum-Vum como cantor. Tanto Anibal Nazaré como Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha não deixaram os seus créditos por mãos alheias. Mas não se fez ainda sentir nos poemas de revista a saudável renovação que poderia esperar-se no sentido de um regresso a aquele espírito mordaz de tipo costumbrista que a vertebra e lhe dá os melhores condimentos.